

IMORTALIDADE DIGITAL E O LUTO NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL

DIGITAL IMMORTALITY AND GRIEF IN CONTEMPORARY SOCIETY: A CONCEPTUAL APPROACH

Fabiano Veliq¹, Alessandra Mattos², Jordana Greco Ferreira³

Recebido: 09 de Fevereiro (2026) / Revisado: 18 de Março (2026) / Aceito: 26 de Março (2026).

RESUMO: O presente artigo procura analisar o conceito de imortalidade digital e como ele é utilizado na contemporaneidade. Desse modo, através de uma análise histórica passando por conceitos como luto, morte e a própria imortalidade, o texto procura abordar a necessidade do ser humano de evitar uma de suas características principais, que é a morte, em busca de ser imortal. Assim, busca-se analisar de forma preliminar como esse sujeito entende essa imortalidade na contemporaneidade marcada por promessas religiosas e tecnológicas de vida eterna. Já na atualidade, o sujeito é capaz de associar e concretizar a sua imortalidade através da tecnologia, vendo esta, como a sua salvação. Deste modo, percebe-se que o conceito de imortalidade digital, se relaciona e se entrelaça com o mundo pós-humano, com o capitalismo tardio, com o avanço das tecnologias digitais, e finalmente com as mudanças culturais e valores trazidos com o século XXI. Na primeira parte do texto trataremos das perspectivas históricas, culturais e filosóficas dos conceitos de mortalidade e imortalidade. Em seguida falaremos sobre os impactos da revolução social sobre a cultura, e a construção do pós-humano entre o que é natural e o artificial. Por fim, concluímos o artigo trazendo uma perspectiva acerca da imortalidade digital como uma forma de legado digital destinado às próximas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: imortalidade; luto; tecnologia; era digital; legado.

ABSTRACT: This article seeks to analyze the concept of digital immortality and how it is employed in contemporary society. Thus, through a historical analysis engaging with concepts such as grief, death, and immortality itself, the text examines the human need to evade one of its defining characteristics mortality in pursuit of immortality. It thus aims to offer a preliminary analysis of how individuals understand this notion of immortality within a contemporary context marked by religious and technological promises of eternal life. In the present day, individuals are able to associate and materialize their sense of immortality through technology, often perceiving it as a form of salvation. In this way, the concept of digital immortality is shown to be intertwined with the posthuman condition, late capitalism, the advancement of digital technologies, and the cultural shifts and values brought about by the twenty-first century. In the first part of the text, we address the historical, cultural, and philosophical perspectives on mortality and immortality. Next, we discuss the impacts of social transformation on culture, as well as the construction of the posthuman at the intersection of the natural and the artificial. Finally, we conclude by presenting digital immortality as a form of digital legacy intended for future generations.

KEYWORDS: immortality; grief; technology; digital era; legacy.

1 INTRODUÇÃO

A morte e o luto de pessoas amadas sempre foram temas complexos, dolorosos e de difícil compreensão e elaboração para a humanidade. Lidar com a própria finitude e com a perda de pessoas queridas ainda mobiliza emoções intensas, gerando reflexões, resistências e negações por parte do ser humano.

¹ Doutor em Filosofia pela UFMG. Doutor em Psicologia pela PUC Minas. Professor Adjunto III da PUC Minas.

² Graduanda em Psicologia – PUC Minas

³ Graduanda em Psicologia – PUC Minas

Toda essa complexidade cria um cenário propício para que o ser humano, sempre em busca de soluções para enfrentar dilemas e desafios, utilize as tecnologias digitais contemporâneas para desenvolver ferramentas que o ajudem a lidar com a morte e o luto. É nesse contexto que surge o conceito de imortalidade digital: a possibilidade de permanecer online indefinidamente por meio de aplicativos, sites, avatares e outras ferramentas, deixando legados póstumos e, em alguns casos, até interagindo com pessoas vivas após a morte.

Além disso, há hoje um contexto cultural significativo que, ao mesmo tempo em que impulsiona essas inovações tecnológicas, também é por elas impactado e transformado, gerando novas formas de interagir, comunicar e socializar. Em outras palavras, estão sendo criadas novas formas de subjetividade, entre as quais se destaca a imortalidade digital, sustentada pelo capitalismo tardio e pela intensa corrida tecnológica em curso.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Imortalidade e mortalidade: perspectivas históricas, culturais e filosóficas

O tema da imortalidade é algo extensamente estudado e pesquisado por diversos filósofos, psicólogos, antropólogos e áreas das ciências humanas e ciências da saúde. Isso se dá, pelo fato de que tal tema, faz parte de uma dimensão cultural que pode ser vista nos povos tanto da antiguidade, quanto na contemporaneidade, que buscam atribuir ao caráter do ser humano, a imortalidade, ora de forma transcendental, ora de forma simbólica.

No dicionário⁴, o significado da palavra imortalidade é “ 1. Qualidade, estado daquilo que é imortal. 2. Duração perpétua.” de forma que tal conceito é bastante utilizado na língua portuguesa e seu significado não traz dificuldades para compreensão.

Desse modo, desde o início da civilização, a humanidade tem buscado maneiras de alcançar a imortalidade refletindo esse desejo através de práticas culturais e espirituais. No Egito antigo, por exemplo, os faraós eram mumificados como uma tentativa de garantir sua imortalidade, acreditando que, ao preservar seus corpos, poderiam alcançar a vida eterna. Já na Mesopotâmia, as inscrições em pedras e templos buscavam registrar a memória dos reis e suas realizações, como uma maneira de garantir suas existências além da morte. No Oriente, práticas como a meditação e o yoga, em algumas tradições religiosas como o budismo, buscam transcendência e um ciclo de renascimento, uma forma de continuidade da existência espiritual.

⁴ Busca feita no dicionário online - [imortalidade - Dicionário Online Priberam de Português](#) acessado em 10/07/2024.

Essas manifestações culturais ao longo da história refletem uma constante tentativa humana de lidar com a ideia da morte e, ao mesmo tempo, de alcançar a imortalidade.

Do ponto de vista biológico, no qual o cérebro humano é programado para sobreviver, e foi isso que garantiu a sobrevivência e a evolução da raça humana, é compreensível que, quando se trata de considerar a própria morte, ou seja, a não sobrevivência, o cérebro, consciente e também inconscientemente, repelirá a ideia. Pois, como aborda Kübler-Ross (1996), é inconcebível que alguém possa imaginar seu próprio fim de maneira natural, mas somente de modo trágico, onde não haverá nada que se possa fazer para impedir sua morte. E, mesmo hoje, o homem continua a encarar a morte como sendo o de um evento pavoroso, um medo universal. Devido a isso, a ideia de ser imortal se torna extremamente atraente, pois representa uma forma de escapar desse temor profundo e inevitável.

Já na história da filosofia o tema foi debatido por inúmeros filósofos, desde Platão até Sartre, perpassando por todos os períodos da filosofia, de forma que o tema sempre esteve presente nas reflexões dos filósofos. Luis Rey Altuna, (1911-2007) em seu livro *La inmortalidad del alma a la luz de los filósofos* (1959) faz um esforço para oferecer uma visão panorâmica desde a filosofia grega até os anos cinquenta do século XX sobre o tema. Pela própria proposta do livro de Altuna, se percebe que o foco do autor não é fazer uma leitura pormenorizada sobre o tema em um autor específico, mas oferecer uma espécie de sobrevôo sobre a história de um conceito importante para a filosofia.

Nos anos vinte do século passado vemos os diversos estudos de James George Frazer (1854 - 1941) sobre a imortalidade. A obra de Frazer *The belief in immortality and the worship of dead* compreende três volumes e trata de aulas dadas por Frazer sobre o tema durante os anos de 1911 e 1912 em Cambridge, nos quais investiga a forma como diversas ilhas do pacífico e os aborígenes australianos lidam com a questão da imortalidade, desde a concepção de imortalidade, até os mitos envolvendo a vida posterior nas mitologias desses povos. A obra de Frazer sobre o tema da exogamia e totemismo foi importantíssima para Freud, que o cita extensamente em seu livro *Totem e Tabu* (1913) para justificar o surgimento da religião totêmica a partir do complexo de Édipo.

Não é, portanto, difícil perceber que o tema da imortalidade ocupa um lugar importante nas reflexões dos mais variados autores e essa continuidade de problematização com o passar do tempo evidencia que tal conceito ainda é capaz de suscitar reelaborações que se tornam necessárias à medida que a cultura avança.

Já o conceito da morte, foi utilizado e interpretado de múltiplas maneiras diferentes durante a história do ser humano a depender da cultura e dos costumes de cada povo. Essa

diferenciação da representação desse conceito durante a história, se dá principalmente de acordo com a organização dos sistemas dos valores simbólicos de cada sociedade. Deste modo, percebe-se que essa compreensão acerca da morte, se dá desde os primórdios do ser humano, no qual os próprios neandertais, já tinham o conhecimento e entendimento acerca deste tema, pois enterravam os falecidos, dentro de cavernas, assim como outros grupos que vieram depois dele. “As mais antigas sepulturas conhecidas (cavernas de Qafaz, em Israel) datam de cerca de 40.000 anos [...]” (Rodrigues, 2006, p. 19).

Segundo Philippe Ariès em seu livro *História da morte no ocidente* (1975), a morte até o século XVIII, não tinha o teor negativo da relação com o medo e angústia. Percebe-se que durante a Idade Média, a morte era vista de uma forma natural e esperada, e por isso, muitas das vezes, aceita pelos sujeitos. Desse modo, o autor percebe que a sociedade não via a morte como um marco do fim da existência humana, mas apenas receava, quanto ao medo de não ter tempo de planejá-la, ou passar por ela, de forma solo.

Entretanto, essa familiarização com a finitude como algo próximo da vida cotidiana do sujeito que a encarava com naturalidade foi alterada a partir do século XX. Assim, a morte que antes era compartilhada e vivida pelas famílias de forma conjunta dentro de seus lares e com as suas comunidades, passa a se tornar solitária e individual, em hospitais e lares de idosos, por exemplo. Desse modo, o indivíduo da atualidade, apresenta cada vez mais dificuldade em compreender a morte como algo natural, já que a percebe como um afastamento do convívio com o outro, e a dizimação da sua própria possibilidade de continuar existindo dentro do mundo.

Portanto, a morte, sob o ângulo humano, não é apenas a destruição de um estado físico e biológico. Ela é também a de um ser em relação, de um ser que interage. O vazio da morte é sentido primeiro como um vazio interacional. Não atinge somente os próximos, mas a globalidade do social em seu princípio mesmo, a imagem da sociedade impressa sobre uma corporeidade cuja ação - dançar, andar, rir, chorar, falar... - não faz mais que tornar expressa. (Rodrigues, 2006, p.20)

Mesmo com as interpretações variadas que possam surgir dentro de diferentes contextos sociais, é inegável que a morte é parte inerente da existência humana, sendo uma condição pré-estabelecida biologicamente. E além dessa questão ontológica, o ser humano ainda possui a consciência de sua própria finitude, ou seja, segundo José Carlos Rodrigues, em seu livro *Tabu da morte* (2006), “A consciência da morte é uma marca da humanidade” (Rodrigues, 2006, p.19), mas acontece de forma individual e única para cada ser humano. Dessa forma, dado que a morte é uma experiência que todo ser humano irá passar, no qual terá o aniquilamento do seu próprio ser, ele acaba por negar esse acontecimento, buscando questioná-lo, já que não deseja

que haja um fim em si próprio. Deste modo, utiliza de diversos mecanismos para poder encará-la e contorná-la, como por exemplo, através da criação de religiões que prometem a vida eterna, ou a imortalidade digital.

Assim, percebe-se que com os avanços científicos e tecnológicos do mundo moderno, foi possível o desenvolvimento de máquinas e tratamentos médicos, que possam prolongar a vida do ser humano, em busca de cada vez mais, fugir ou retardar a morte. Isso pode ser perigoso, já que há práticas, como a distanásia por exemplo, em que procura manter um paciente terminal vivo, por meio do prolongamento da vida artificialmente, em que a qualidade de vida não está em jogo, mas apenas a sua existência no mundo. Outros movimentos que buscam conservar a vida, são os meios tecnológicos, nos quais há a promessa de que as memórias daquele indivíduo, possam continuar vivas nas redes, mesmo que ele já tenha vindo a falecer.

Desse modo, é notório que o ser humano está em constante movimento para não adentrar na experiência dolorosa de enfrentar a morte, e dessa forma, procura de forma incessante, combatê-la, criando repertório, como por exemplo, a imortalidade digital. Assim, a contemporaneidade carrega consigo, dualidades, no qual de um lado percebe-se a criação de imortalidades digitais para que o ser humano continue vivendo, e do outro, debates acerca da eutanásia e ortotanásia, para que o ser humano possua a liberdade de morrer.

Na contemporaneidade há uma grande dificuldade de lidar com o luto, no qual o ser humano recua diante da dor. Esse indivíduo, atravessado pelo imediatismo exacerbado do capitalismo tardio, não vê o luto como algo necessário a ser passado, já que ele não exerce a sua capacidade de elaborar suas próprias questões. Além disso, o sujeito da atualidade recebe demandas constantemente do mundo externo, que exige sua hiperprodutividade.

Pela perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud, em seu texto *Luto e Melancolia*, o luto é definido, como “Em regra o luto é a reação à perda de um ente querido ou de uma abstração que tomou o seu lugar, como a pátria, a liberdade, um ideal, etc” (Freud, 1918-2025, p.60). Ou seja, o luto é a perda do investimento libidinal do sujeito em um objeto, seja este concreto ou abstrato, que já não está mais presente, resultando em uma dissociação deste objeto em busca de realocar esta energia libidinal para outro objeto.

Durante este tempo de dissociação com o objeto perdido, Freud (1917/2025) afirma que há a passagem do sujeito por um estado doloroso, onde este perde seu interesse no mundo externo, a perda da capacidade de escolher um novo objeto amoroso, e a evitação de realizar qualquer coisa que não tenha relação com a memória do que se perdeu, já que nada mais o atrai plenamente. Conforme Freud:

Também é bastante digno de nota que, muito embora ele traga consigo graves desvios da conduta normal da vida, nunca nos ocorre enxergar o luto como um estado patológico e consigná-lo ao médico para tratamento. Confiamos que após um tempo ele será superado e consideramos que perturbá-lo seja inoportuno, e mesmo prejudicial. (Freud, 1917/2025, p.60)

A incapacidade humana de transpor o luto e aceitar a finitude prolonga a dor psíquica e favorece a ascensão da imortalidade digital. Ao distanciar o sujeito da realidade da morte, essas tecnologias apresentam-se como paliativos modernos para o sofrimento existencial.

2.2 A revolução tecnológica e seus impactos na cultura

Nas últimas décadas, presenciou-se uma revolução tecnológica que vem causando, e ainda provocará, profundas transformações na sociedade e na cultura. As mídias digitais, a inteligência artificial, a realidade virtual, os dispositivos inteligentes e os ambientes interativos vêm transformando os modos de viver, comunicar, produzir conhecimento e formar identidades em escala global.

A tecnologia é o pano de fundo, o próprio quadro referencial, no qual todos os outros fenômenos sociais ocorrem. Ela molda nossa mentalidade, nossa linguagem, nossa maneira de estruturar o pensamento, inclusive a nossa maneira de valorar. [...] Por outro lado, toda cultura tem seus valores arraigados. Esses valores são questionados na medida em que a sociedade tecnológica evolui (Rodrigues, 2001, p. 76-77).

E, quando se fala especificamente sobre o impacto da tecnologia na cultura, observa-se uma dinâmica em que cada uma retroalimenta a outra, criando uma relação de interdependência entre técnica e significação. Esse ciclo é ainda mais impulsionado pelas lógicas do capitalismo tardio, que moldam o desenvolvimento das tecnologias digitais e, por consequência, redefinem as estruturas sociais e os modos de subjetivação.

Ao compreender o conceito de cultura, percebe-se que ela envolve a repetição de comportamentos semelhantes, aprovados por um grupo, o que lhe confere forma e estrutura reconhecíveis. Além disso, as culturas possuem alguns padrões universais, expressos em categorias como atividade econômica, religião, arte e linguagem. Esses elementos culturais têm significado específico para os indivíduos que delas participam.

Dessa forma, cada ser humano nasce inserido em determinada cultura e, dentro dela, constitui-se como indivíduo, ao mesmo tempo em que também influencia dialeticamente o ambiente no qual está inserido. Assim, o avanço da tecnologia modifica o modo como a cultura atua na vida do ser humano e como ela se propaga durante as próximas gerações.

Mudanças certamente ocorrem dentro da cultura. No entanto, para que essas mudanças se firmem, elas enfrentam a resistência da estabilidade, por outro lado, necessária para garantir a coesão do grupo e a sobrevivência cultural. Esse princípio da estabilidade está ligado à adaptação, pois, embora seja preciso permanência, também é essencial haver mudança. Sem esse equilíbrio, a cultura se estagnaria. A cultura, como produto coletivo da vida humana, está em constante mudança. Por isso, Santos afirma que:

O estudo da cultura exige que consideremos a transformação constante por que passam as sociedades, uma transformação de suas características e das relações entre categorias, grupos e classes sociais no seu interior. [...] Cultura é uma dimensão do processo social, da vida em sociedade (Santos, 1996, p. 44).

Conforme afirma Bock (2008), a cultura é a melhor expressão do avanço da humanidade, além de ser o modo como o ser humano humaniza o mundo real, por meio das criações e transformações aplicadas à natureza. Faz-se de árvores, cadernos, lápis e cadeiras; da lã, o tecido; do barro, o tijolo; do ferro, o aço. Além disso, a cultura também traz impactos psíquicos, porque afeta continuamente a subjetividade dos indivíduos, os quais internalizam suas normas e padrões, cada um de maneira singular.

2.2.1 Entre o natural e o artificial: a construção do pós-humano na era digital

As profundas transformações tecnológicas que se presenciam e que vêm impactando fortemente as culturas em geral também estão alterando a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e ao coletivo. Surge, nesse contexto, a criação de novos conceitos, como o de cibercultura, que se refere aos estudos sobre as construções culturais e transformações promovidas pelas tecnologias, chegando até mesmo à confrontação da própria mortalidade humana. Conforme Santaella (2003, p. 125-126), “esse sujeito se transforma na era digital em um sujeito multiplicado, disseminado e descentrado, continuamente interpelado como uma identidade instável. (...) No nível cultural, essa instabilidade coloca novos desafios.”

Novas formas subjetivas para lidar com a cultura digital pós-moderna precisam ser pensadas, já que não se pode mais basear nos princípios que nortearam as certezas da era moderna. Importante ressaltar que os sistemas cibernéticos e suas experiências virtuais estão sendo produzidos no seio do capitalismo tardio e, por isso, estão marcados por seus paradigmas culturais.

Com todas essas novidades e transformações tecnológicas, muitas ideias de hibridização do ser humano com a máquina estão surgindo. Isso pode ser entendido como uma consequência de um novo entendimento sobre o que, na era pós-moderna, constitui o ser humano. Hayles (1996) define o pós-humano como a construção do corpo enquanto parte de um circuito integrado de informação e matéria, um sistema que reúne componentes humanos e não humanos, formados tanto por chips de silício quanto por tecidos orgânicos, por bits de informação e por carne e osso.

Segundo Haraway (1985/2013), todos são ciborgues, porque as tecnologias estão redesenhando corpos para que funcionem melhor; e, metaforicamente, porque a sociedade está deixando para trás um modelo industrial orgânico e migrando para um sistema de informação polimórfico. Como aponta Santaella: “O potencial para as combinações entre vida artificial, robótica, redes neurais e manipulação genética é tamanho que nos leva a pensar que estamos nos aproximando de um tempo em que a distinção entre vida natural e artificial não terá mais onde se balizar.” (Santaella, 2003, p. 199)

Não haverá mais base para definir com clareza o que é natural e o que é artificial. Haverá, assim, novas formas de existência, que não dependerão mais de um corpo físico e de uma mente puramente humana: bastam apenas recursos tecnológicos e um banco de dados para sustentar uma forma de vida. Isso resultará em uma modificação na maneira como o ser humano se relaciona consigo mesmo, com o outro e com os conceitos de mortalidade e luto.

Ainda Santaella (2003) diz que: “Cada vez mais (...) as linhas divisórias entre o mundo natural e o cultural, o biológico e o tecnológico se esfumam, perdem toda a nitidez.” (Santaella, 2003, p. 217). E seguindo a atuação, ao que tudo indica, muitas funções vitais humanas já são replicáveis em máquinas, principalmente por meio de chips e próteses que atuam dentro do corpo humano para auxiliar seu funcionamento. Além disso, nota-se o quanto a ciência e a tecnologia têm buscado atribuir às máquinas qualidades vitais humanas. O efeito conjunto desses desenvolvimentos têm sido denominado pós-humanismo. Sob essa denominação, torna-se cada vez mais difícil distinguir o que é artificial, natural ou robótico.

2.3 O conceito de imortalidade digital

Em uma época marcada pela tecnologia, tal conceito de imortalidade reaparece, mas agora sob a forma do que chamamos de imortalidade digital. É possível afirmar que a ideia da imortalidade digital surgiu na ficção científica antes de se tornar um conceito formalmente discutido em estudos acadêmicos e tecnológicos, pois tem sido um tema recorrente nesse tipo de arte, manifestando-se de diversas formas ao longo das décadas.

Desde a década de 1960, obras como "*Do Androids Dream of Electric Sheep?*" de Philip K. Dick, que inspirou o filme "*Blade Runner*" (1982), exploram a linha tênue entre humanos e máquinas, questionando a essência da consciência e da identidade. Nos anos 1980, o movimento cyberpunk trouxe histórias que integravam avanços tecnológicos e a fusão entre homem e máquina. Autores como William Gibson, em seu conto "*Johnny Mnemonic*" (1981), apresentaram futuros distópicos onde dados eram armazenados diretamente no cérebro humano, antecipando discussões sobre a digitalização da mente.

Mais recentemente, a ficção científica tem incorporado temas como redes sociais pós-tumas e inteligência artificial de pessoas falecidas. Episódios de séries como "*Black Mirror*" e "The 100", exploram a possibilidade de recriar digitalmente a consciência de indivíduos falecidos, permitindo interações contínuas com entes queridos, mesmo após a morte física.

Como aponta Albuquerque (2020), essas narrativas evidenciam que a ficção científica, ao mesmo tempo em que imagina diferentes futuros, também os cria, instalando-os no presente como elementos do futuro que nos atraem para determinados horizontes. Assim, a origem do termo Imortalidade Digital como conceito filosófico e científico pode ser considerado uma derivação do termo *Thanatechnology* que foi introduzido por Carla Sofka em 1997, e refere-se ao uso da tecnologia digital, para lidar com questões relacionadas à morte, luto e memória, possuindo um foco maior no aspecto social e psicológico da morte na era digital.

Esse conceito, surgiu na última década e ganhou força na era das redes sociais, à medida que as pessoas passaram a interagir com dados on-line de falecidos. Tais interações aumentaram durante os últimos anos, visto que a tecnologia passou a ser uma nova forma de passar por perdas e compartilhar lutos. Deste modo, houve a criação de memoriais on-line e postagens de dedicatórias a entes falecidos, através de fotos, vídeos e textos compartilhados, como uma forma de viver o luto. Um exemplo disso, se aplica aos grupos de memoriais feitos no Facebook, que buscam fazer dedicações a pessoas falecidas permitindo com que fãs, amigos, famílias ou membros, publiquem suas mensagens de conforto ou possam dialogar entre si sobre essa perda. Em tal rede social, as contas dos usuários que faleceram também podem ser transformadas em memorial, em busca de que os amigos e familiares possam compartilhar lembranças dessa pessoa, e, através disso, se relacionarem entre si vivendo o seu luto de forma digital.

De acordo com Bell e Gray (2000), a imortalidade digital pode ser definida como um repositório centrado na pessoa, contendo uma cópia de tudo o que ela vê, ouve, diz ou cria ao longo da vida. Isso inclui fotos, vídeos, áudios, documentos, diários, arte, entre outros. Além disso, a personalidade, emoções, crenças e aparência do indivíduo são integradas a um avatar interativo com inteligência artificial, que gerencia esse material para criar a ilusão de manter suas memórias e pensamentos vivos, mesmo depois de seu falecimento.

Assim, segundo esses autores, podemos falar em dois tipos de imortalidade digital. Há a chamada *One-way immortality*, que permite a preservação e a transmissão de ideias de forma simbólica; e esse tipo é algo que usamos corriqueiramente, pois dizemos que as obras de Aristóteles, Platão, Shakespeare são imortais. Já a segunda, é a chamada *Two-way immortality* que permite ao sujeito, ou pelo menos parte dele, continuar comunicando no futuro, aprendendo e se envolvendo na vida dos que permanecem vivos.

A imortalidade digital, assim como a imortalidade comum, é um continuum da fama duradoura em uma ponta até a experiência e aprendizado infinitos na outra, parando um pouco antes da vida infinita. Preservar e transmitir suas ideias é imortalidade unidirecional — permitindo a comunicação com o futuro. Experiência e aprendizado infinitos são imortalidade bidirecional — permitindo que você, ou pelo menos parte de você, se comunique com o futuro no sentido de que o artefato continua a aprender e evoluir.⁵ (Bell and Gray, 2001, p. 29)

Outra definição pontual do conceito de imortalidade digital, também nos é oferecida por DeGroot (2005). Segundo DeGroot

A imortalidade digital pode ser considerada aproximadamente como envolvendo um repositório-centrado-na-pessoa que contém uma cópia de tudo o que uma pessoa vê, ouve, diz ou produz ao longo de sua vida, incluindo fotografias, vídeos, gravações de áudio, filmes, programas de televisão, álbuns de música, CDs, jornais, documentos, diários e diários, entrevistas, reuniões, cartas de amor, notas, artigos, peças de arte, e assim por diante, e assim por diante; e se não tudo, pelo menos tanto quanto a pessoa tem e se esforça para incluir. A personalidade, os perfis emocionais, os pensamentos, as crenças e a aparência da pessoa também são capturados e integrados em um agente/avatar conversacional artificialmente inteligente e interativo. Este avatar é colocado no comando (e talvez “igualado”) do material coletado no repositório para que o agente possa apresentar a ilusão, ter as memórias factuais, pensamentos e crenças da própria pessoa, ele/ela mesma.⁶ (DeGroot, 2005, p. 35)

⁵ Original em inglês: Digital immortality, like ordinary immortality, is a continuum from enduring fame at one end to endless experience and learning at the other, stopping just short of endless life. Preserving and transmitting your ideas is one-way immortality—allowing communication with the future. Endless experience and learning is two-way immortality—allowing you, or at least part of you, to communicate with the future in the sense that the artifact continues to learn and evolve.

⁶ Original em inglês: digital immortality can be roughly considered as involving a person-centric repository containing a copy of everything that a person sees, hears, says, or engenders over his or her lifespan, including photographs, videos, audio recordings, movies, television shows, music albums/CDs, newspapers, documents, diaries and journals, interviews, meetings, love letters, notes, papers, art

Já Galvão et al (2021), define imortalidade digital como à preservação de uma identidade digital do usuário que mantém esse sujeito ativo mesmo depois de sua morte. Tal ação pode ser feita pelo próprio usuário, ou por meio de outra pessoa, ou empresa.

Deste modo, já existem diversos aplicativos diferentes que buscam armazenar os dados das vidas desses indivíduos, um exemplo deles, é o website Eter9, que procura criar uma persona digital a partir dos dados pessoais fornecidos pelo usuário que será considerado uma “extensão de si mesmo”. Tal persona, seria uma representação virtual do indivíduo podendo fornecer suporte, entretenimento e companheirismo além de replicar a sua personalidade e suas preferências que são aprendidos através de curtidas, postagens, comentários e curtidas do próprio usuário em suas redes sociais.

Nota-se o crescimento contínuo do interesse do ser humano na pós-vida digital como um modo de confrontar a sua própria mortalidade, e por isso, há a criação de diversas redes sociais, aplicativos e websites que buscam alternativas dessa imortalidade, mesmo que ainda não tenham sido efetivamente concretizadas. Além do Eter9, pode ser citado como exemplo, o Lifonaut que feito baseado em um projeto de pesquisa, visa armazenar informações sobre o indivíduo, como o seu código genético e um backup digital da sua mente em busca de, no futuro, ser feito um upload de sua consciência para o computador.

Com isso, é de suma importância destacar o novo termo utilizado dentro da imortalidade digital; *Virtual Deceased Person* (pessoa virtual falecida-VDP), introduzida por Joshua Hurtado Hurtado em 2023, que seria justamente, uma imortalidade digital bidirecional. Ou seja, seria uma forma diferente de existir, já que isso não dependeria mais de um corpo físico e uma mente. Assim, bastaria apenas recursos tecnológicos como um software altamente sofisticado e um extenso banco de dados contendo os conteúdos pessoais desse indivíduo, para que ele existisse. A VDP seria então, a criação de uma persona digital de um falecido, que buscaria preservar os vínculos sociais com os que ainda estariam vivos através da internet. Isso seria feito através de textos bidirecionais, troca de mensagens, vídeos, telechamadas e conversas de voz. Assim, poderá criar relações duradouras entre vivos e mortos através de conexões online,

pieces, and so on, and so on; and if not everything, then at least as much as the person has and takes the time and trouble to include. The person's personality, emotion profiles, thoughts, beliefs, and appearance are also captured and integrated into an artificially intelligent, interactive, conversational agent/avatar. This avatar is placed in charge of (and perhaps “equated” with) the Collected material in the repository so that the agent can present the illusion of having the factual memories, thoughts, and beliefs of the person him/herself.

de modo que ancestrais poderão participar de comunidades, ciclos sociais e grupos com seus descendentes que ainda estarão vivos.

2.5 As transformações culturais decorrentes da imortalidade digital

Percebe-se que o ser humano demonstra ter uma grande dificuldade em lidar e compreender a própria finitude. Por isso, buscou, ao longo de toda a sua história, um modo de se imortalizar: ora por meio de teorias que procuravam imortalizar a alma através de discursos religiosos e filosóficos, ora pela imortalização cultural de artistas, preservando os legados que estes deixaram ao redor do mundo.

Entretanto, percebe-se que esse significado se modifica na contemporaneidade, justamente em razão dos avanços tecnológicos e científicos feitos pelo ser humano durante a última década. Tais avanços permitem vislumbrar um futuro em que, por meio das tecnologias, seja possível imortalizar a identidade do indivíduo não de forma espiritual ou teórica, mas através da chamada imortalidade digital.

Dessa forma, segundo Galvão (2022) há três modos de imortalizar tecnologicamente um indivíduo: por meio de um memorial online; pela criação de um chatbot capaz de enviar mensagens similares às que o sujeito enviaria; ou, por último, pela transferência de memória da pessoa para um corpo artificial, como, por exemplo, um avatar. Em relação aos memoriais online e aos *digital graveyards*, que buscam imortalizar o sujeito, observa-se que essa prática já ocorreu, tendo sido muito popularizada durante a pandemia da COVID-19, quando se buscou homenagear aqueles que faleceram nesse período.

Assim, já existem redes sociais atuais, como o Facebook e o Google, que oferecem essa opção ao usuário: em caso de falecimento, a conta on-line pode ser transformada em um memorial digital, como forma de consolo às famílias e amigos, permitindo acesso àquela conta como espaço de despedida, lembranças e memórias antigas. Já em relação ao segundo e ao terceiro modo de imortalização tecnológica, percebe-se que ambos estão cada vez mais próximos de se efetivar, principalmente no caso dos chatbots, que replicam a identidade de um sujeito.

Observa-se que, antes mesmo do pensamento da imortalidade digital, muitos artistas, filósofos e escritores já se tornaram imortais dentro da história do ser humano, não por meio de tecnologias ou inteligências artificiais, mas através do que produziram em pensamentos, obras e escrituras que ainda permanecem vivas. Assim, Bell e Gray (2000) afirmam: “Essas ideias boas, imagens, músicas, escritas, arquitetura e até mesmo algoritmos irão sobreviver desde que

as pessoas também. Mas é claro que essas pessoas estão mortas, mas as suas ideias são efetivamente imortais.” (Bell; Gray, 2000, p. 1)

Entretanto, percebe-se que essa imortalidade atingia poucos e era extremamente excludente, já que somente algumas pessoas podiam marcar suas experiências no mundo de forma palpável. Isso, porém, se modifica na contemporaneidade, devido à crescente facilidade de registrar pensamentos, momentos e experiências, possibilitada principalmente pela ascensão das tecnologias digitais, que permitem uma relação unilateral com as próximas gerações. Dessa forma, observa-se a importância da conservação das memórias, já que a cultura atual, diferentemente de todas as outras do passado, se expressa e deixa suas marcas no mundo de forma digital. Segundo DeGroot (2005):

Como resultado desse processo de digitalização, vive-se em uma era em que cada vez mais artefatos culturais são digitais. A maior parte das fotos, vídeos, filmes e músicas da sociedade agora existe inteiramente no mundo digital. Além disso, muitos dos repositórios de conhecimento e dados da sociedade estão sendo transferidos inteiramente para o mundo digital. (DeGroot, 2005, p.39)⁷

Assim, abre-se uma oportunidade para os indivíduos que desejam ser imortalizados fazê-lo por meios digitais, em que, através de inúmeras documentações da própria vida, estas possam ser registradas digitalmente para que as próximas gerações compreendam de onde vieram, explorando memórias e pensamentos. Logo, o objetivo da imortalidade digital será preservar os vínculos sociais da pessoa falecida com outros seres humanos que ainda estão vivos, principalmente com a família e amigos, que terão acesso a essa presença quando desejarem.

De acordo com o artigo de Galvão (2022), é notório que a imortalidade digital se torna cada vez mais presente no debate atual, já que se aproxima tanto da realidade vivida no mundo moderno. Isso ocorre porque muitos familiares desejam manter as memórias de seus entes queridos preservadas de alguma forma, seja por meio de armazenamentos digitais, em forma de memoriais, ou pela criação de chatbots e avatares que interajam com os familiares mesmo após a morte. Assim, Galvão (2022) observa:

⁷ Original do inglês: As a result of this digitalization process, we are living in an age where more and more cultural artifacts are digital. Most of society's photos, videos, movies and musical all live entirely within the digital world now. Furthermore, many of society's repositories of knowledge and data are being moved entirely into the digital world.

Técnicas computacionais existentes, como o aprendizado de máquina, juntamente com os rastros digitais deixados pelos usuários das redes sociais, permitem que os computadores simulem alguns aspectos do comportamento de usuários falecidos, imortalizando sua presença digital. (Galvão, 2022, p.2)

2.4 Imortalidade digital e o legado digital

As tecnologias não apenas refletem valores, como também os transformam. Para além da preocupação com o design orientado por valores, outro ponto fundamental a ser considerado é que a interação entre humanos e computadores precisa levar em conta uma perspectiva existencial da condição humana. No contexto da imortalidade digital, surgem justamente as grandes perguntas existenciais que acompanham a humanidade: qual é o sentido da vida? Quem se é? O que acontece após a morte? Ao considerar esses fatores, torna-se possível reconhecer e compreender de forma mais profunda as experiências humanas e, assim, integrá-las de maneira sensível e ética no desenvolvimento de novas tecnologias.

No entanto, os avanços tecnológicos acontecem em um ritmo muito mais acelerado do que as regulamentações e adaptações sociais necessárias para lidar com essas transformações. Por isso, é preciso uma abordagem que leve em consideração os valores humanos, ou seja, é fundamental respeitar as necessidades e os valores das pessoas quando se trata da imortalidade digital. Afinal, trata-se de um momento extremamente emocional e delicado, tanto para os familiares quanto para quem está diante da morte e precisa decidir se deseja ou não deixar um legado que, na contemporaneidade, torna-se digital.

O modo como o ser humano deixa suas marcas no mundo se modificou, já que, atualmente, se dá através de seus registros feitos com seus aparelhos tecnológicos. Assim, também se distingue o modo como ele produz a sua cultura, repassando todo o seu legado cultural de forma tecnológica, como uma memória digital perpetuada para as próximas décadas. Através da imortalidade desse legado cultural, o modo como as diferentes gerações se comunicam e se conectam será diferente. Quando se fala em legado digital, este pode se manifestar de diversas formas, como através de; documentos, músicas, fotos, playlists, perfis em redes sociais, ou seja, qualquer coisa que uma pessoa tenha produzido ao longo da vida e, assim, é aquilo que um indivíduo gera durante sua existência pode ser considerado parte de seu legado. As novas alternativas que surgem por meio da tecnologia despertam grande interesse nas pessoas, pois oferecem a oportunidade de interagir, mesmo que simbolicamente, com

informações e memórias de entes queridos que já faleceram. Isso ressignifica a morte e suas manifestações no espaço digital.

Essa imortalidade digital impactará, então, profundamente a relação com o outro, já que haverá uma relação unilateral com as próximas gerações. O objetivo será preservar os vínculos sociais e as memórias dessas pessoas falecidas, conservando esse legado familiar e cultural. Esses familiares, buscam manter as memórias de seus entes queridos guardados de alguma forma, seja por meio de armazenamentos digitais, em formas de memoriais digitais, ou da criação de chatbots e avatares desses indivíduos, que irão interagir com essa família mesmo após a sua morte.

Assim, esse legado digital torna-se uma oportunidade para que os indivíduos, possam registrar digitalmente a sua história para que as próximas gerações da sua família entendam de onde vieram, explorando suas memórias e pensamentos. Isso ocasionará uma grande teia de conexões digitais nas árvores genealógicas, em que as próximas gerações poderão ter acesso a conversas com os seus parentes já falecidos e se conectarem com eles. Ou seja, proporcionará encontros e trocas geracionais que serão importantes para a pessoa que está viva.

Logo, o objetivo será preservar os vínculos sociais da pessoa falecida com outros seres humanos que ainda estão vivos, principalmente com a sua família e amigos, que terão acesso a aquela pessoa, no momento em que desejarem. Desse modo, a Inteligência artificial transformará esse sentimento de falta que a família sente pelo falecimento do outro por presença, ao protagonizar aquela pessoa.

Assim, as novas gerações poderão conhecer, de forma virtual, as culturas que foram, infelizmente, apagadas e dizimadas da história. Desta forma, conclui-se que, com o avanço da tecnologia na contemporaneidade, se tornará ainda mais fácil de preservar todo o grande legado humano que foi construído durante toda a sua história, em busca do enriquecimento de cada sujeito que faz parte da humanidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo realizar uma primeira análise e reflexão sobre o surgimento da imortalidade digital, que foi possibilitada pela revolução digital atual, e seus impactos no modo como o ser humano encara sua própria imortalidade e o luto na cultura contemporânea. Verificou-se que não restam dúvidas sobre a ocorrência de profundas transições, cultural, social e subjetiva da era atual, transformações estas que forçam o repensar dos padrões e normas que sustentaram a vida em sociedade até agora. Novos modos de

comunicação, formas de construção de identidade, redes de aprendizado e modelos de organização do saber continuam emergindo.

Após o aumento da democratização da tecnologia ao redor do mundo na contemporaneidade, o ser humano vem modificando a forma de deixar marcas no mundo, e agora faz isso, através das tecnologias que tem ao seu dispor. Deste modo, muito mais do que apenas uma imortalização do indivíduo, a imortalidade digital poderá proporcionar ao sujeito, uma recapitulação de toda a sua história de vida. Assim, poderá restaurar a memória de sua família e dos antecedentes que construíram toda a sua história. Entretanto, o tema da imortalidade digital, tão sensível por envolver um dos maiores tabus da humanidade, a própria finitude, ainda precisará ser avaliado e pensado sob a perspectiva do design, dos valores humanos e da acessibilidade, da filosofia, da teologia, da sociologia, para que se torne um avanço positivo e benéfico para a humanidade.

Por fim, percebe-se que o ser humano tem a necessidade de evitar a morte. E para que possa evitar sentir a dor da perda de alguém amado ou evitar o seu encontro com a finitude, propõe uma imortalidade digital com os recursos tecnológicos disponíveis no mundo atual. Desse modo, utiliza das evoluções tecnológicas, para que possa continuar vivo na história de alguma forma, nem que seja com a replicação de seu próprio “eu” através de uma “persona” digital ou avatar.

A imortalidade digital, então, configura-se como uma maneira que o ser humano encontrou, na contemporaneidade, de se imortalizar através dos meios tecnológicos. Tal ação possibilita que o sujeito produza um legado digital, podendo conter vídeos, áudios, fotos, mensagens, entre tantos outros documentos relacionados ao próprio indivíduo, na busca de armazenar uma própria cópia digital dele e de tudo o que lhe pertence. Portanto, essa imortalização poderá ocorrer de formas distintas, podendo ser tanto através de um memorial online, de um chatbot alimentado pelas informações do usuário ou pela transferência dessa consciência para um robô.

Ademais, é importante ressaltar que já existem aplicativos capazes de armazenar as informações dos indivíduos para que, um dia, com a evolução tecnológica, possam trazer de volta esse indivíduo à vida. Tais apps, como o Eter9, já estão em uso por pessoas que, no futuro, esperam ser imortalizadas e, assim, colocam o seu legado digital nessas redes. Além desses aplicativos, algumas redes sociais, como o Facebook, já possuem novas regras e estabelecimentos para contas de pessoas falecidas se tornarem memoriais ou para que possam ser administradas pela família desse indivíduo. Logo, é notório como as redes sociais e os aplicativos já estão sendo modificados para abarcar pessoas falecidas.

A imortalidade digital também traz outras mudanças, como a relação com o outro, já que haverá trocas de pensamentos e conhecimentos entre diferentes gerações, contendo pessoas vivas fisicamente e outras vivas digitalmente. Desse modo, o ser humano irá modificar o modo de existir e agir no mundo, já que não irá viver o luto da morte do outro, que continuará vivo no ciberespaço e em contato constante com ele.

Conclui-se, que o ser humano nos tempos atuais, torna-se o próprio Deus que promete a imortalidade à humanidade, e faz isso, através do uso da tecnologia, no mundo digital, onde tanto a mente quanto a história e as experiências humanas poderão viver para sempre.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Alana. Ser imortal diante do fim do mundo: corpo, ciberutopia e transcendência. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 134-151, jan./abr. 2020.
- ALTUNA, Luis Rey. *La inmortalidad del alma a la luz de los filósofos*. Madrid: Biblioteca Hispánica de Filosofía, 1959.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BELL, Gordon; GRAY, Jim. Digital immortality. *Communications of the ACM*, v. 44, n. 3, p. 28-30, 2001. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/365181.365197>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- BELL, Gordon; GRAY, Jim. *Digital immortality*. Microsoft Research, 2000.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CNN BRASIL. Como turnê do ABBA com hologramas pode se tornar tendência pós-pandemia. CNN Brasil, 27 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/como-turne-do-abba-com-hologramas-pode-se-tornar-tendencia-pos-pandemia/>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- DEGROOT, Doug. Keeping our people alive: the role of digital immortality in culture preservation, 23 abr. 2005. Karlsruhe: Universitätsverlag Karlsruhe, 2005. p. 33-56. Acesso em: 10 jul. 2024.
- EXPRESSO. “A morte não é o limite”: chatbot de inteligência artificial permite falar com quem já morreu. *Expresso*, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/tecnologia/2024-02-28-A-morte-nao-e-o-limite-chatbot-de-inteligencia-artificial-permite-falar-com-quem-ja-morreu-196576b5>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- FRAZER, James George Sir. *The belief in immortality and the worship of the dead*. London: Macmillan, 1913-1924. 3 v. (Gifford lectures; 1911-1912).
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Blucher, 2025. p. 59-95

FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos: (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud; v. 13).

GALVÃO, et al. Discussing human values in digital immortality: towards a value-oriented perspective. *Journal of the Brazilian Computer Society*, v. 27, p. 15, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13173-021-00121-x>. Acesso em: 10 jul. 2024.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HAYLES, N. Katherine. Embodied virtuality: or how to put bodies back into the picture. *Cultural Critique*, n. 33, p. 83-106, 1996.

IMORTALIDADE. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/imortalidade>. Acesso em: 10 jul. 2024.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 7. ed. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu da morte. 5. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. Por uma filosofia da tecnologia. In: GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (org.). Educação tecnológica: desafios e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 16ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos, n. 110).